



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

ÓRGÃO BISSEMANAL DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL
ANO 33 **ESPECIAL** Nº 640 - JUNHO DE 2021

Entrevista

Trotskismo e a obra de Guillermo Lora



"Lora dedicou inteiramente suas energias e capacidade à classe operária. Sua obra é extraordinária. É monumental a obra do trotskismo na América Latina. Não existe nenhum escritor, nenhuma direção de partido que tenha levantado um pilar tão elevado da teoria marxista e em defesa dos fundamentos da IV Internacional. Nós, inclusive, estamos estudando as origens do marxismo na América Latina, e estamos constatando, passo a passo, como o POR na Bolívia vai ser esse semeeiro do marxismo na América Latina."

Milite no POR, um partido de quadros, marxista-leninista-trotskista. Discuta nosso programa.
CAIXA POSTAL Nº 630 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO - www.pormassas.org - facebook.com/massas.por

Trotskismo e a obra de Guillermo Lora

Transcrevemos a entrevista ao Canal Mesa de Debates, dirigido por Guilherme, sobre o trotskismo e a obra de Guillermo Lora. Devido ao espaço, publicaremos a segunda parte no próximo número do jornal Massas. O convite de Guilherme coincidiu com os 12 anos do falecimento de Lora. A entrevista foi realizada no dia 21 de maio, o que nos permitiu prestar homenagem ao dirigente do Partido Operário Revolucionário da Bolívia.

Guilherme:

Olá a todos, olá a todas que estão nos assistindo neste momento, meu nome é Guilherme, hoje faço parte do canal Mesa de Debates, e vamos dar continuidade às discussões em relação ao pensamento de Leon Trotsky, e também às suas vertentes.

Para quem estiver assistindo a esse vídeo, no dia 21/05, sexta-feira, viu que, no período da tarde, eu subi um vídeo debatendo a respeito do trotskismo e da tendência morenista. E agora, no período da noite, do mesmo dia, vou fazer o mesmo debate sobre o pensamento de Trotsky e de Guillermo Lora. Uma figura importante do trotskismo, pós Trotsky. E, para isso, trouxe novamente o Erson, um amigo meu, para trocarmos ideias. O Erson é militante do Partido Operário Revolucionário (POR). Inclusive, conviveu com Guillermo Lora.

ao trabalho de Guillermo Lora.

Na parte de discussão sobre Lora, volto à nossa homenagem.

Guilherme:

Sim, inclusive, apesar das diferenças que tenho, acho que o POR traz importantes contribuições, assim como os outros que debateram aqui no canal. Guillermo Lora, presente!

Erson:

Veja Guilherme. Com a decomposição e estilhecimento da IV Internacional, na década de 1950 e de 1960, parece que a IV Internacional teria perdido a sua vigência, uma vez que não pôde implantar-se, como se implantaram as demais internacionais. Falamos da I, II, e, principalmente, da III Internacional, que construiu o Partido Mundial da Revolução Socialista. A revisão no interior da direção da IV, depois da morte de Trotsky, em 1940, duas décadas depois, uma posição no interior da direção decidiu que o estalinismo poderia ser um instrumento da revolução. Da caracterização de Trotsky, de que o estalinismo era uma corrente contrarrevolucionária e restauracionista, passou-se a que seria progressista. Essa alteração gestou uma crise na IV Internacional, e, conseqüentemente uma divisão, e depois um estilhecimento das frações em muitos grupos.

Então, por isso você pergunta nos termos de uma retomada do trotskismo. Mas, na realidade, o trotskismo nada mais é que a continuidade dos Quatro Primeiros Congressos da Internacional Comunista, dirigida por Lênin e Trotsky. O fato de a IV Internacional ter se constituído nas condições de retrocesso burocrático do Estado Operário Russo, na deformação profunda do partido Bolchevique, e, finalmente, a liquidação da III Internacional – o que ocorreu mais tarde, em 1943, três anos depois do assassinato de Trotsky por um agente de

Stalin – fez com que enfrentasse poderosas dificuldades para se implantar como Partido Mundial. O Programa de Transição estabelecia o guia seguro, mas necessitava materializar-se na penetração no seio das massas, por meio de seções vinculadas ao proletariado de cada país. Nessa contradição, expressava-se a fortaleza do programa e a fraqueza organizativa. Dificuldades que estavam previstas por Trotsky, e contra as quais lutou, desenvolvendo as posições programáticas do internacionalismo, e estabelecendo uma sólida crítica marxista ao revisionismo estalinista. A IV Internacional nascia em um momento de guerra, contudo, sem ter como erguer os partidos revolucionários vinculados ao proletariado. Eis por que a IV Internacional nasceu mais como programa, que é o Programa de Transição. Esse programa foi fundamental para a conservação das con-

“Então, por isso você pergunta nos termos de uma retomada do trotskismo. Mas, na realidade, o trotskismo nada mais é que a continuidade dos Quatro Primeiros Congressos da Internacional Comunista, dirigida por Lênin e Trotsky. O fato de a IV Internacional ter se constituído nas condições de retrocesso burocrático do Estado Operário Russo, da deformação profunda do partido Bolchevique, e, finalmente, da liquidação da III Internacional – o que ocorreu mais tarde, em 1943, três anos depois do assassinato de Trotsky por um agente de Stalin – fez com que enfrentasse poderosas dificuldades para se implantar como Partido Mundial.”

Guilherme:

Erson, conforme a gente combinou, eu queria que começasse explicando qual é a importância de resgatar o pensamento do trotskismo, nesse momento de crise.

Erson:

Antes de fazer a primeira colocação geral sobre esse ponto, gostaria, se você permitir, de prestar uma homenagem inicial ao dirigente do POR da Bolívia, Guillermo Lora, que faleceu no dia 17 de maio de 2009, portanto há 12 anos de sua morte. Todos os anos, publicamos materiais, fazemos debates, dada a importância do trabalho do Lora para o marxismo-leninismo-trotskismo. Quero, inicialmente, falar aos seus espectadores sobre o reconhecimento que o POR do Brasil tem, em relação

quistas do internacionalismo proletário, uma vez que deu continuidade ao programa dos Primeiros Quatro Congressos da III Internacional, e resultou do combate de Trotsky à revisão do marxismo-leninismo pelo estalinismo, com a sua política de construção do “socialismo em um só país” E, depois, em meio à Segunda Guerra, por meio da política de colaboração pacífica com o imperialismo. Então, tem-se a falsa impressão, a falsa ideia, de que é preciso retomar o trotskismo. A questão não é a de retomar o trotskismo. O trotskismo não precisa ser retomado, uma vez está sintetizado em toda a luta de Trotsky contra a estalinização e o processo da restauração capitalista, e está consubstanciado no Programa de Transição. É preciso, isto sim, realizar a tarefa de reconstruir a IV Internacional, que se desintegrou. Não é que se trate de recuperar o trotskismo.

O trotskismo nunca se perdeu. Diferentemente das outras internacionais, a revisão que houve no seio da direção da IV, liderada por Michel Pablo, pelos pablistas, não chegou a realizar uma traição prática, uma vez que a direção não expressava, nos acontecimentos, capacidade de interferir no curso da luta de classes. A IV Internacional simplesmente desmoronou organizativamente, sem que Programa da IV Internacional fosse substituído por qualquer outro. Temos, portanto, a tarefa de reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, reconstruindo a IV Internacional. O seu reerguimento depende da construção de partidos verdadeiramente marxista-leninista-trotskistas. Aqui, no Brasil, procuramos cumprir essa tarefa, como seção do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional.

Guilherme:

Você falou de construir os partidos leninistas trotskistas, revolucionários, aqui no Brasil. Mas, antes da gente começar, o que se percebe é uma enorme divergência entre esses partidos. Se houvesse um acordo em comum, acredito que esses partidos estariam juntos, não existiria um monte de partidos, em um monte de lugares. A pergunta que faço, primeiramente, a respeito disso, é sobre o porquê dessas diferenças. Queria que você entrasse um pouco mais nesse trotskismo pós Trotsky, para chegarmos a Guillermo Lora.

Erson:

Você parte de uma constatação, que é a do estilhaçamento do chamado movimento trotskista em várias correntes. Vemos que uma determinada corrente acaba gerando outras cisões, e assim se vai multiplicando o número. É uma quantidade enorme de correntes que se reivindicam do trotskismo. A questão é por que se passa dessa maneira. É preciso procurar a raiz do problema. Demonstrei, logo no começo de minha exposição, que houve uma revisão no interior da IV Internacional. Apesar do fracionamento da direção e da crítica ao pablismo, realizada corretamente pela OCI (Organização Comunista Internacional) francesa, liderada por Pierre Lambert, não resultou

na preservação da IV Internacional. Apesar dos lambertistas estarem com a razão, diante do SU (Secretariado Unificado) pablista, do qual fez parte a corrente de Nahuel Moreno, não foram capazes de evitar que a cisão se convertesse em desintegração da IV Internacional. A OCI fracassou, diante da tarefa de derrotar o revisionismo e solidificar uma direção que estivesse à altura de herdeira do marxismo-leninismo-trotskismo. Isso se deveu, principalmente, a que a organização francesa não ter se implantado no proletariado. Não se pode esquecer de que o partido dirigido por Lambert era um dos pilares da IV Internacional, e acabou sendo responsável pelo combate ao revisionismo pablista. Essa cisão, que poderia ser uma cisão que mantivesse em pé a IV Internacional, não foi capaz de revelar a raiz de onde germinou o revisionismo da IV Internacional.

De onde veio o revisionismo de Pablo? Veio exatamente do fato de que as seções da IV Internacional não se tinham tornado partidos-programa. Não basta reivindicar o Programa de Transição. É preciso aplicá-lo nas condições concretas de cada país. Nós estamos obrigados a construir, a formular, o programa da revolução, nas particularidades do nosso país. Essa é, inclusive, uma das grandes lições, uma das grandes teses de Guillermo Lora. Então, esse é o primeiro aspecto, essa IV Internacional que se desintegrou, não tinha partidos, de fato, penetrados no proletariado de seus países. Em consequência desse fato, as inúmeras correntes que resultaram do estilhaçamento levaram essa herança negativa, nefasta, e não se co-

locaram por construir os partidos baseados na elaboração do programa em seus países, que implica um conhecimento das leis históricas, não só gerais, mas também das particularidades de seus desenvolvimentos. Há uma negativa das correntes em constituírem o partido que tenha um programa claro e preciso. Daí vem outro argumento. Houve uma renúncia, às vezes de maneira mais ou menos clara, mais ou menos oculta, da estratégia revolucionária. A estratégia revolucionária é exatamente a ditadura do proletariado. Sem a estratégia da ditadura do proletariado, não se tem o fundamento básico da revolução proletária de nossa época. Então, houve uma renúncia enorme de todas as correntes em ter clara a estratégia da revolução e da ditadura do proletariado. Eis por que as correntes que se reivindicam do trotskismo têm mais de centrismo, que de marxismo. É por meio do programa que se deve entender e explicar a pulverização do denominado campo do trotskismo em inúmeras correntes, que passaram a compor o campo do centrismo, portanto, distante e oposto ao do marxismo-leninismo-trotskismo. Em se tratando do campo do centrismo, a única possibilidade de que haja a recuperação se limita a uma parcela que seja capaz de realizar uma severa autocrítica, e colocar-se por entender o processo de estilhaçamento da IV Internacional e as formas que assumiram os centrismos. Essa é a situação em que aumentam as dificuldades para uma convergência entre essas correntes.

“De onde veio o revisionismo de Pablo? Veio exatamente do fato de que as seções da IV Internacional não se tinham tornado partidos-programa. Não basta reivindicar o Programa de Transição. É preciso aplicá-lo nas condições concretas de cada país. Nós estamos obrigados a construir, a formular, o programa da revolução, nas particularidades do nosso país. Essa é, inclusive, uma das grandes lições, uma das grandes teses de Guillermo Lora.”

Guilherme:

E, agora, chegando ao Guillermo Lora, uma pergunta básica: quem foi Guillermo Lora?

Erson:

Guillermo Lora foi um dirigente que possibilitou ao Partido Operário Revolucionário da Bolívia, fundado em 1935, a partir de 1946, se vinculasse profundamente com o operariado mineiro. Desde meado dos anos de 1940, Lora vai se destacar como um dos principais dirigentes do POR, um lutador pelo partido, trabalhando para enraizá-lo na classe operária. Participava do Comitê Regional do POR em La Paz. De lá, devido à brutal perseguição, teve de entrar na clandestinidade, refugiando-se em Oruro, o que lhe permitiu dirigir-se às minas, e vincular-se aos mineiros. Nesse trabalho, se vai fortalecendo como revolucionário, vai forjando-se como um jovem marxista.

“Lora se dedicou a fundo, para que o POR se constituísse como programa revolucionário, embasado nas conquistas internacionais do marxismo-leninismo-trotskismo. Destacou-se como militante do POR nesse processo de elaboração do programa e da teoria. Nesse sentido, Lora vai se destacar como dirigente comunista na América Latina”.

É reconhecido pelas correntes que se reivindicam do trotskismo o fato de Lora ter se dedicado ao trabalho com os mineiros, chegando ao ponto de elaborar um documento da Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia (FSTMB), que ficou conhecido como Teses de Pulacayo, que são as teses de 1946. São teses muito importantes na história do POR, e muito conhecidas, pelo fato de os mineiros assumirem as Teses, passando a defendê-las abertamente. As Teses estabeleciam a estratégia do governo operário e camponês e do método da ação direta, o método da revolução proletária. Como se vê, Lora vai forjar-se nesse caldeirão, desde os anos de 1940. Anos mais tarde, Lora foi um destacado dirigente na Assembleia Popular, de 1971. Ocupará um lugar de primeiro plano, na defesa da Assembleia Popular como órgão de poder do proletariado, um órgão necessário para unir a classe operária e os camponeses, pela tomada do poder. Lora destacou sua militância marxista-leninista-trotskista nesses dois momentos cruciais.

Em 1952, na Revolução de 52, o POR da Bolívia, sob a direção de Lora, já vinha desenvolvendo as teses do trotskismo na Bolívia. Nesse momento convulsivo, foi muito importante a luta contra o nacionalismo burguês. A revolução acabou entregando o governo a Paz Estenssoro, que era um político de orientação nacionalista. Basta observar a militância de Lora, entre os anos de 1940 e 1970, para se ter visível a sua longa trajetória na vida de construção do POR.

Por último, assinalo a grandiosidade dos escritos de Lora. As Obras Completas de Lora perfazem mais de 60 volumes. (Nesse momento, Erson mostra um dos volumes). Por exemplo, este aqui é um dos volumes, o quinquagésimo da obra de Lora. Cada volume consta de 500 páginas. É, portanto, uma

obra imensa, na qual temos materializada a dedicação do dirigente porista em compreender as particularidades da Bolívia, nas condições mundiais do capitalismo, de acordo com as leis gerais do capitalismo. De conjunto, observa-se a elaboração das teses da revolução proletária na Bolívia, um dos países mais atrasados de nosso continente.

A pergunta principal foi: como é que, em um país tão atrasado como a Bolívia, era possível uma revolução proletária? Não seria uma revolução democrática burguesa, mas seria uma revolução proletária. A revolução proletária é que teria de cumprir as tarefas democrático-burguesas, que a burguesia não mais conseguiria cumprir, como, por exemplo, a independência nacional e a revolução agrária, que são duas tarefas importantes, e que inclui o problema democrático das nacionalidades indígenas. A nação de capitalismo atrasado, semi-colonial, tem todo um caminho particular a percorrer, para se libertar das amarras do imperialismo e das forças burguesas internas, o que exige elaboração do programa ao qual Lora se dedicou, seguindo as experiências internacionais do proletariado e, em especial, as da Revolução Russa. Lora se dedicou a fundo, para que o POR se constituísse como programa revolucionário, embasado nas conquistas internacionais do marxismo-leninismo-trotskismo. Destacou-se como militante do POR nesse processo de elaboração do programa e da teoria. Nesse sentido, Lora vai se destacar como dirigente comunista na América Latina. Infelizmente, as correntes centristas ocultam e evitam que a obra do Lora seja difundida e conhecida entre a militância. Então, em geral, essa é uma síntese de como eu vejo o lugar de Guillermo Lora.

Guilherme:

E qual foi o papel, a influência, o peso que o Lora teve na Revolução da Bolívia?

Erson:

De 1952, você está falando?

Guilherme:

É.

Erson:

Depende do momento a que você está se referindo.

Na revolução de 1952, o POR tinha vínculo com os camponeses e com o proletariado. Vinha potenciando-se com o trabalho nas minas. A luta no interior da revolução foi para que a COB conseguisse manter a sua independência de classe, uma vez que tinha surgido como organismo de poder do proletariado. Era uma central sindical com características de soviete, ou seja, de um poder operário diante do Estado burguês. É distinta das centrais como as que nós temos no Brasil, que nasceram controladas por uma burocracia, ainda que não tão definida como agora. A COB foi uma criação do processo revolucionário, tendo o proletariado mineiro como seu guia. O POR lutou, em 1952, para separar o proletariado do nacionalismo burguês. O Movimento Nacionalista Revolucionário – um partido nacionalista burguês – teve a capacidade de exercer poderosa influência sobre as massas em luta. E o problema estava em como separar o proletariado do nacionalismo, e ser capaz de

estabelecer uma aliança com os camponeses, que estavam em luta armada no campo. E o POR chegou a participar das lutas armadas dos camponeses no campo. Então, o problema da independência de classe do proletariado foi o ponto fundamental da intervenção do POR. Dessa experiência, comprovou-se a tese do marxismo-leninismo-trotskismo, de que o nacionalismo burguês é impotente para realizar as tarefas democráticas, como a independência nacional, a revolução agrária e a solução dos problemas das nacionalidades indígenas.

Entenda, portanto, que o POR se formou nesse caldeirão, na luta pela independência da classe operária em combate ao nacionalismo, procurando desmascarar o nacionalismo, e superar as ilusões democráticas que as massas ainda tinham no nacionalismo. E não se pode desconhecer que o nacionalismo acabou tendo essa força porque uma fração majoritária da COB, dirigida por Juan Lechín, conseguiu impor a política de colaboração de classe. A integração da COB no governo burguês liquidou seu caráter soviético, e auxiliou o MNR a desviar a revolução, e a se apropriar do poder, restabelecendo a dominação da oligarquia, e mantendo a submissão ao imperialismo. Então, a luta para que a COB não se submetesse ao governo, não fizesse parte do governo burguês, e continuasse como órgão do poder e mantivesse a luta pela revolução, esse foi o papel principal do POR nesse momento, em 1952, especificamente.

Guilherme:

Sim. E posteriormente a isso?

Erson:

Posteriormente, a crise, que vai se estabelecer sob o governo nacionalista, deságua na criação da Assembleia Popular, em 1971. Somente para demarcar o período, em 1964, o general Barrientos desfechou um golpe militar, voltado a esmagar o movimento operário, assassinando lideranças mineiras, entre elas César Lora e Isaac Camacho, militante do POR em Catavi / Siglo XX. Em 1969, o general Ovando Candia assumiu o poder, também pela via do golpe. Em outubro de 1970, cai Ovando, e assume o general nacionalista Juan José Torres. É nessas condições de golpe sobre golpe de Estado, e brutal repressão às massas, que se gestará a Assembleia Popular, que reunirá quase todas as correntes de esquerda, inclusive a nacionalista, à exceção dos pablistas-mandelistas do Secretariado Unificado (SU), ao qual eu havia me referido inicialmente, como revisionistas da IV Internacional. Naquele momento, se achavam enfileirados por trás do foquismo, confundindo o movimento armado isolado do proletariado com a guerrilha. O castro-guevarismo estava tendo uma ampla influência na América Latina, galgado na autoridade da Revolução Cubana. A Bolívia havia sido escolhida por Guevara para realizar seu experimento de criação artificial dos focos armados. Ao contrário, o movimento da Assembleia Popular era o caminho por onde a classe operária poderia chegar ao poder. O POR da Bolívia travou a luta baseada na experiência de 1952, de como evitar que as forças que estavam na Assembleia Popular levassem-na a uma participação e uma colaboração com o governo nacionalista burguês do general Torres. Esse foi um grande legado programático e prático do

POR. Vale de experiência para todas as correntes trotskistas da América Latina. Considerando que não temos na América Latina nenhuma corrente que protagonizou um feito como esse, como o da Assembleia Popular de 1971.

Guilherme:

Erson, eu queria que você fizesse, agora, uma diferenciação entre o pensamento de Lora com o pensamento de outros setores trotskistas como o pablista, também cito aqui o morenismo. Qual é a diferença exata?

Erson:

A essência da diferença está em que essas correntes, você citou o pablismo (adjetivo derivado de Michel Pablo) e morenismo (de Nahuel Moreno), mas há também o lambertismo (de Pierre Lambert), com o qual se identifica o jornal “O Trabalho”, que está no PT. Os morenistas, você sabe, se esilhamaram em várias correntes. A diferença fundamental é que elas abandonaram a estratégia da revolução proletária. Abandonaram a tarefa de construir o programa em seus países. O POR, não somente tem um programa definido, como comprovado na história da luta de classes da Bolívia e de muitos países, na América Latina e fora dela. A partir do programa e das experiências concretas, criou-se essa separação entre essas tendências e o POR da Bolívia. Todas têm algo em comum: fizeram do POR um inimigo. Todas se unem para atacar o POR. Isso mostra que existe uma aliança do centrismo, na hora de atacar as posições do POR, principalmente em relação a 1952, que você perguntou. Criou-se a lenda de que o POR traiu a revolução, porque não defendeu “todo poder à COB”. Essa tese, que não se comprova, basta estudar os escritos de Lora ou os documentos da época, para se constatar que o POR não estava na direção das massas ao ponto de, como fizeram os bolcheviques, levar as massas ao poder, à direção do Estado. O que o POR fez foi, baseado no duplo poder da COB, lutar por sua independência, para preparar o caminho da revolução proletária. Essa foi a posição do POR. Todas as correntes falam a mesma coisa. Pode ver, você pergunta, “qual a crítica que você tem ao POR? Resposta: o POR não levantou a bandeira de “todo o poder à COB”, em 1952. Essa equivocada crítica foi manejada pelo argentino “Quebracho”, e todos os revisionistas da IV passaram a repetir. Como se fosse um carimbo. A diferença se encontra, exatamente, na questão da estratégia programática. E você sabe que a estratégia do programa determina a tática. Aí se vai verificar como as correntes centristas tendem à tática do legalismo, do parlamentarismo, tática das frentes eleitorais de esquerda, substituindo o trabalho organizativo no seio do proletariado e o método da ação direta. Aí está o precipício existente entre o POR, não em relação a cada uma das correntes, mas ao conjunto das correntes. É isso que se tem de observar. Não é que o POR se opõe ao morenismo, ao pablismo, não. Ele se opõe ao conjunto do revisionismo da IV Internacional, porque essas variações de correntes, cada uma com sua nomenclatura, nada mais são do que expressões do campo do centrismo. Então é a diferença entre o campo do centrismo, aí está o campo do centrismo, e o campo da política proletária, revolucionária do POR da Bolívia.

Guilherme

Você falou que o POR não era direção do processo na Bolívia. Na revolução russa, até meu entendimento, no começo da revolução, o partido bolchevique também não era partido dirigente da revolução. Precisou Trotsky e o Lenin, através dos soviets, atingir uma grande maioria para cumprir um papel de dirigente. A pergunta que eu faço, agora, me veio essa dúvida, por que o POR não conseguiu dirigir esse processo? O que faltou?

Erson:

Você está fazendo uma comparação entre a revolução russa, as respostas dos bolcheviques e o que se passou na Bolívia. Essa comparação tem de ser cuidadosa. Não se pode fazer uma comparação mecânica desses dois fenômenos. Não se pode esquecer que o bolchevismo, na revolução de 1905, uma revolução que tinha o caráter democrático burguês, não pôde se destacar como direção, embora ele tivesse uma influência importante. Em 1905, ergueu-se a forma soviética. Trotsky foi presidente do soviete, nem por isso estiveram dadas as condições para que a revolução democrática se transformasse em revolução proletária. Veja que, em fevereiro de 1917, numa situação de guerra, portanto de uma crise profunda, as massas retomaram a organização soviética nos dois principais centros operários da Rússia. Aquela forma soviética de 1905, que era embrionária, irá assumir uma extensão de maior magnitude, em fevereiro de 1917. Então, como o bolchevismo tinha, sob a direção de Lênin, a linha estratégica de transformar os soviets em instrumento de poder, para derrubar a burguesia, em oposição à linha dos mencheviques e socialistas revolucionários, que era fazer dos soviets um instrumento de colaboração de classes com o governo democrático burguês, isso potenciou o bolchevismo. Agora, como comparar esse processo histórico com o da Bolívia? Não dá para compararmos e dizer, “olha, lá o bolchevismo saiu vitorioso porque agiu corretamente”; na Bolívia, em 1952, o POR não fez o mesmo e por isso é responsável pelo fracasso da revolução proletária. Não quer dizer que o POR não tenha agido corretamente na revolução de 1952. Se você estudar as explicações de Lora, verá que tem abundantes trabalhos, tem um livro específico sobre a Revolução de 1952. Ocorre que as correntes adversárias não analisam. Não fazem uma crítica sistemática de todo esse período. Não o fazem. Simplesmente, tomam uma frase, a de que o POR não defendeu “todo poder ao soviete”, e, logo, como não defendeu “todo poder ao soviete”, traiu a revolução. Isso é de um esquematismo que chega à difamação. É preciso analisar qual a luta que o POR teve contra Juan Lechín, que, aliás, esteve próximo ao próprio POR; analisar como os trotskistas lutaram no interior da COB, para evitar que se tornasse um organismo de sustentação do governo burguês. O POR travou uma luta de morte contra o ingresso de Lechín no governo e constituiu-se um cogoverno. Houve uma luta enorme aí. Outra coisa é que a correlação de forças não permitiu ao POR fazer com que essa política levasse o proletariado à tomada do poder. E tem mais um fator que o Lora explica, que os operários e, principalmente os camponeses, confundiam o MNR com o POR. Nas condições de radicalização da luta, em que o nacionalis-

mo despontou como força que se apresentava como capaz de atender às reivindicações dos camponeses e dos mineiros, as massas não conseguiram distinguir de forma necessária a política pequeno-burguesa da proletária. Acreditava-se que era a mesma força. A separação entre o nacionalismo burguês e o internacionalismo proletário não teve como ser resolvida, em 1952. Essa separação se vai dar com a Assembleia Popular, de 1971. Mas, veja, a Assembleia Popular também não saiu vitoriosa. Ela foi derrotada por um golpe militar de Banzer, um golpe fascista do Banzer. E por que foi derrotada? Porque o POR errou em sua política? Não! Porque a correlação de forças impediu, não permitiu que a luta do POR se materializasse em uma insurreição. Essa é a explicação.

É lamentável que as correntes obscureçam as explicações do POR, e não entrem no seu mérito. Quando se faz uma crítica, é preciso entrar no mérito e na raiz da causa. Onde está a causa. Se você não vai à raiz, você não a descobre. Por exemplo, como é que um partido que levou a classe operária a aprovar as Teses de Pulacayo, como é que um Opartido que participou do Bloco Mineiro nas eleições, por meio do qual Lora foi eleito a deputado, logo cassado pela reação, como é que podia, em 1952, de repente, negar todo o processo que estava fazendo? Ora, se alguém tem uma explicação, deve estudar a fundo as Obras Completas do Lora, antes de espalhar falsas acusações. Converso com militantes morenistas – o próprio MRT é uma de suas variantes – e logo soltam qualquer coisa, como “ah, mas em 1952 o POR traiu”. Veja que é um carimbo. Lora responde com uma conclusão histórica: uma corrente, quando trai, está fadada à morte. Sabe por que o estalinismo morreu? Por causa da traição. Sabe por que a social-democracia morreu? Por causa da traição. Um partido que trai está liquidado para a classe operária. O POR da Bolívia está firme e forte, não está liquidado. Ele é a única força revolucionária do proletariado na Bolívia. E todas as correntes que tentaram penetrar neste país, todas as que criticam o POR, baseadas na lenda de 1952, nunca conseguiram fincar raízes na Bolívia. O que explica isso? O que explica é a fortaleza do programa do POR. E o programa não é um simples documento. O programa é a expressão de uma experiência ou de muitas experiências da luta de classes nacional, e da luta de classes mundial, internacional, com a sua estratégia, evidentemente. Eu sabia que esse era um ponto que ia aparecer na entrevista. Você foi muito diplomático, não precisa ser diplomático, pode perguntar o que pensa.

Guilherme:

Não... meu papel aqui é escutar.

Erson:

Eu rasguei o verbo, porque essa pergunta tem um fundo obscuro.

Guilherme:

Erson, uma das propostas do canal é escutar a esquerda, os militantes, o que a intelectualidade de esquerda tem a dizer, e não impor as minhas posições.

Erson:

Sim, mas para você fazer as perguntas tem de conhecer. Se não conhecer, não faz as perguntas com precisão.

Guilherme:

Como era sua relação com o Lora?

Erson:

Lora esteve aqui no Brasil em setembro de 1990, bem no nascimento do POR. O POR vai surgir de uma dispersão de militantes que vieram do Causa Operária, descontentes com a posição que Política Obrera (PO) da Argentina acabou implantando no Causa Operária. Por exemplo, Causa Operária tinha, originariamente, como formulação estratégica, a consigna de “governo operário e camponês”. Com a influência do PT, será substituída por “governo dos trabalhadores”. Causa Operária acabará formulando uma estratégia eleitoral, que prevalece até hoje. “Vote em Lula por um governo dos trabalhadores”. Esse agrupamento opositor à revisão programática vai ganhar coesão, quando se vincula ao POR da Bolívia e aos camaradas argentinos, que também resultaram de uma cisão do PO, e que formaram o POR da Argentina. Neste processo, Lora intervém, e vai trabalhar para construir o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional. Então, vou conhecer Lora aí. Mas eu já o conhecia antes, de passagem, inclusive tive reunião na Bolívia, quando ainda havia uma relação entre o PO da Argentina e o POR da Bolívia, que formavam a Tendência Quarta Internacional (TQI), cheguei a ir em reunião na qual Lora esteve presente. Mas, também o conhecia por alguns de seus escritos. Você sabe que a perseguição aos trotskistas na Bolívia sempre foi muito violenta. Conheci, de passagem, exilados bolivianos, quando eu ainda militava na corrente O Trabalho. Participei da fundação da Organização Socialista Internacionalista (OSI), quando ainda o POR da Bolívia e PO da Argentina se encontravam no quadro do Comitê Internacional (CI), dirigido pela organização francesa, ou seja, por Pierre Lambert. E, através dos exilados bolivianos, eu tive contato com os folhetos do Lora, precisamente quando se processava uma separação do POR e PO do CI, motivada pelas divergências em torno à caracterização dos países semicoloniais, a tática da frente única anti-imperialista, e à natureza dos sindicatos.

O Lora, veja, para se ter uma ideia, fazia essas publicações, pegava a maquininha dele e datilografava seus escritos, como esse aqui. Não sei se dá para ver aí [mostrando o texto no vídeo], e ele mesmo imprimia e divulgava diariamente entre os militantes. Olha esse material aqui, se chamava “Muela del Diablo”. E essa daqui também, e havia também o que ele chamava de “Colmenas”. Este escrito aqui se chama, “Como estudar o desmoronamento do estalinismo – marco teórico”. Como se vê, Lora colocava as folhas de papel na maquininha com carbono. Certamente, depois se multiplicavam para maior divulgação.

Guilherme:

Isso aí foi digitado pelo próprio Lora?

Erson:

Pelo próprio Lora. Ele batia em sua máquina de escrever. Olhe essa cópia, está em carbono. Tenho muitos textos de Lora

em meu arquivo. Alguns deles obtive no dia em que escreveu. Sempre que ia à Bolívia, Lora e sua companheira Rina me hospedavam. Assim, pude presenciar a rapidez como Lora dedilhava em sua máquina. Era como se manejasse uma metralhadora. Se fosse eu, para fazer um texto como este aqui, levaria um ano. Lora tinha uma habilidade, um traquejo, que era impressionante.

Por exemplo, esse texto aqui é de 28 de janeiro de 1990, então, ele tinha esses materiais, depois de reproduzidos, mantinha vários exemplares em sua casa. Isso me permitiu adquirir muitos exemplares, que depois vieram a compor as Obras Completas, que todo verdadeiro revolucionário deveria estudar. Olhe esse aqui, “Como construir a IV Internacional”. Parte desses documentos nós vamos publicar agora, em um número especial do

“(…) Lora era esse militante extremamente cuidadoso com as ideias, e com a formação dos quadros internacionais. Por exemplo, eu aprendi uma lição na construção do Comitê de Enlace, de que o POR não pretendia criar satélites na América Latina. O problema das correntes que se reivindicam do trotskismo é o de criar satélites.”

jornal Massas. Vou traduzir, para que saia nesta semana, como recordação militante dos 12 anos da morte do Lora. Então, ele era esse homem que encontrava meios, nas situações mais difíceis da Bolívia, para que as ideias caminhassem, para que fluíssem. Lora uma vez me disse, mostrando um dos volumes das Obras Completas: “As ideias revolucionárias atravessam os muros”! Inclusive, eu estava presente quando começou a edição, desde o primeiro volume. E o Lora me dizia, “olha, essa vai ser uma empreitada muito difícil”. Isso porque o plano era o de editar um livro por mês. Veja, um por mês, de 500 páginas. Aqui, o POR já estava em um estágio mais evoluído, mais capacitado. É preciso assinalar que, ao mesmo tempo que Lora compunha Muela del Diablo, Colmena e Hojas de mi Archivo, publicava volumosos livros. Há uma quantidade imensa de publicações, que prepararam as Obras Completas. Então, Lora era esse militante extremamente cuidadoso com as ideias, e com a formação dos quadros internacionais. Por exemplo, eu aprendi uma lição na construção do Comitê de Enlace, de que o POR não pretendia criar satélites na América Latina. O problema das correntes que se reivindicam do trotskismo é o de criar satélites. PO tem seus satélites, o PTS tem os seus satélites, o PSTU tem os seus satélites, sob o nome de LIT-QI, Fração Trotskista, etc. Todos têm seus satélites. Lora dizia, assim, não se constrói uma internacional, criando satélites. Vocês têm de se construir na classe operária, formando o programa, e só assim construirão seções internacionalistas. Vocês têm de se levantar como seção da IV Internacional. Quando se passa a construir um partido em um país, você já é o embrião do partido mundial. Isso é internacionalismo. O problema está em como o partido se fortalece em determinado país, com a política do internacionalismo, e ela vai se expressar em um processo de luta organizativa pela internacional. Foi assim com o bolchevismo. O bolchevismo apareceu como a força motriz da Internacional, porque foi dirigente da revolução. As ideias têm de se materializar em formas revolucionárias, para poder se erguer como partido. Foi essa

a minha convivência que tive no Comitê de Enlace. Aqui, no Brasil, Lora esteve só uma vez. Essas foram algumas das lições e aprendizagens que tive com o Lora.

Guilherme:

Erson, agora eu tenho uma dúvida, talvez possa se transformar numa divergência, essa questão da maneira como se pensa a Internacional. Eu, na verdade, vejo que uma das grandes lições que a IV Internacional deixou é a construção de partidos no âmbito mundial e isso, de uma maneira ou outra, tem de se dar de uma forma concreta. Isso não cai em um risco de a gente cair em um nacionalismo trotskista?

Erson:

Essa é outra lenda, que fala que o POR da Bolívia é “nacional-trotskista”. Não, camarada. O POR foi isolado. Terrivelmente isolado, por todas as correntes. Combatido por todas as correntes. Depois o xingam de “nacional-trotskista”. O problema é que as posições do POR se chocam com as correntes, e elas o isolam. Esse isolamento tem sido muito prejudicial, tanto para o POR quanto para a reconstrução da IV Internacional. Não tem nada de nacional-trotskista. Se você estudar todos os documentos do POR, vou até enviar o Massas para você, vai ver que não tem nenhuma formulação nesse sentido. Outra coisa são as condições objetivas para reconstruir a IV Internacional. Como a revolução de 1952 não triunfou, como a Assembleia Popular sofreu um golpe e foi esmagada, como a revolução tardou e tarda na Bolívia, é claro que o POR iria sofrer um isolamento mais profundo ainda, como sofreu.

A segunda questão sobre a IV Internacional, propriamente dita, note que a oposição de esquerda internacional era ultraminoritária. O Grupo dos 4, que assinou os documentos para fundar a IV Internacional, o chamado para a sua criação, não se constituía de partidos com raízes na classe operária de seus países. Isso em lugar algum. Não existiu nenhum partido ali, nenhum partido enraizado no proletariado, no momento em que Trotsky tomou a decisão de conduzir a Oposição Internacional de Esquerda, a partir de 1933, quando chegou à conclusão de que a III Internacional estava falida, a pôr em pé a IV Internacional. Por exemplo, na França e nos Estados Unidos, onde se encontravam as principais seções, o trabalho de organização no seio do proletariado se encontrava muito aquém das necessidades da luta revolucionária. Note que não é por acaso que o Partido Socialista dos Trabalhadores norte-americano (SWP) foi arrastado pelo revisionismo pablista. Onde está hoje? Desapareceu como corrente internacional. Onde estão as correntes mandelistas do SU? O que se passou com a fração morenista que se abrigou no SU? Dividiram-se e subdividiram-se. Que fim tiveram os lambertistas? De conjunto, esses estilhaços tentam imputar ao POR boliviano um suposto nacionalismo, para justificar suas próprias crises, para justificar suas próprias impotências. Cada um com seus satélites, não conseguem dar

um passo programático e prático pela reconstrução da IV Internacional.

Guilherme:

Desenvolva um pouco mais sobre isso.

Erson:

Então observe, o morenismo acreditava que o partido revolucionário viria de uma junção de tendências no movimento operário, popular, que se juntaria com a corrente trotskista, e iria se fundir, formando assim um partido de massas. Essa ideia não seguia o fundamento de que o partido se constitui e se desenvolve em torno ao programa. Não é juntar pessoas, pessoas e agrupamentos que se declaram socialistas. O PSTU, por exemplo, chamava-se Convergência

Socialista, antes era Liga Operária, e depois vai se tornar *Convergência Socialista*, nos moldes do morenismo. O que está na base da “convergência” socialista? Significa convergir todos aqueles que se declaram socialistas. Ora, mas não são socialistas, todos os que se declaram socialistas. Então, a luta pela reconstrução da IV Internacional, é a luta por aplicar o Programa de Transição, nas particularidades de cada país. A essa formulação, que vem do marxismo-leninismo-trotskismo, se chama de “trotskismo-nacional”. O próprio nome do PSTU expressa o oportunismo em matéria organizativa – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados. Olha,

há pouco tempo, quando o MRT se chamava Liga Estratégica Revolucionária – Quarta Internacional, publicou um artigo que afirmava que a fórmula do governo operário e camponês estava ultrapassada no Brasil, e que se tratava de lutar por um “governo operário e popular”. Nós fizemos uma resposta, criticando essa formulação de consigna de poder. A direção do atual MRT se calou. Nunca assumiu a discussão, se se mantém vigente a tática da “aliança operária e camponesa” no Brasil. Transferiram a formulação do PTS argentino para o seu satélite brasileiro. A questão de poder, portanto, de estratégia programática, é decisiva. Não é secundária a divergência em torno das consignas de “governo operário e camponês”, “governo operário e popular”, ou “governo dos trabalhadores”. PO tem a consigna de “governo dos trabalhadores”, abandonou a de “governo operário e camponês”, e fez o mesmo com Causa Operária no Brasil, para se adaptar ao PT, como se, no Brasil, a questão camponesa estivesse superada. Ora, isso é um problema de conhecer a realidade do seu país, e expressar em seu programa. A forma de governo deve expressar o programa da revolução social e o princípio da ditadura do proletariado. Então, veja, é nesse campo que se dá a divergência das correntes com o POR. O problema é que a discussão não é franca, não é aberta, não é verdadeira, necessária para clarear o caminho da reconstrução da IV Internacional. Nenhuma corrente dessas pretende clarear o caminho da reconstrução da IV Internacional.

“(...) o morenismo acreditava que o partido revolucionário viria de uma junção de tendências no movimento operário, popular, que se juntaria com a corrente trotskista, e iria se fundir, formando assim um partido de massas. Essa ideia não seguia o fundamento de que o partido se constitui e se desenvolve em torno ao programa. Não é juntar pessoas, pessoas e agrupamentos que se declaram socialistas.”

O POR vem insistindo: deixem de nos isolar! Assumam que o POR constituiu-se como um pilar de reconstrução da IV Internacional. Que outra corrente, que se reivindica do trotskismo, tem a tradição do POR na América Latina? Cite uma só, dentre tantas, que tenha uma tradição como o POR, que foi fundado em 1935. Que passou pela revolução de 1952, passou pela Assembleia Popular, passou pelo trabalho com os mineiros, as Teses de Pulacayo, etc. Cite uma só corrente que tenha tanta tradição revolucionária! Se você me citar uma, aí a gente debate claramente. Não vejo nenhuma corrente que tenha cumprido um percurso tão longo e acidentado, e que continua com seus mais de 85 anos de história, continua o combate pela revolução proletária em seu país, e pela reconstrução da IV Internacional. Por isso, é muito fácil qualificar o POR boliviano de trotskismo-nacional. É quase uma autodefesa dessas correntes, diante do POR. É autodefensiva essa acusação de nacional-trotskismo, bem como a acusação de que, em 1952, o POR traiu. São duas acusações levianas, e que são de autodefesa. O centrismo sempre tem essas autodefesas. E, agora, essa autodefesa está indo para o buraco, cada vez mais se está estilhaçando, e sendo arrastado pelo reformismo. Veja a cisão que o PSTU sofreu, quantos militantes que romperam e foram para o PSOL. Veja a cisão de PO, embalada pela adaptação ao eleitoralismo da Frente de Esquerda. E vão existir muitas cisões dessas no seio do centrismo. Por quê? Porque os centristas não têm programa, e rechaçam de forma oculta a estratégia da ditadura do proletariado.

Guilherme:

Erson, uma coisa que me chama muito atenção e queria conversar com você. Você falou da questão do programa, programa, programa, programa. Eu tenho acordo que é preciso ter um programa revolucionário e tudo mais, porém, vejo que é preciso ter tática de construção do partido. Porque o programa, por si só, não adianta, senão fica um grupo minoritário falando do programa, programa, programa, senão você fala para mais ninguém. Eu queria que você falasse um pouco dessas táticas de construção, tipo desde estar no sindicato, inclusive fazer entrismo em partidos, como o Trotsky propôs em algumas situações, como na própria França. Eu queria que você falasse um pouco dessas táticas, além do programa... Eu queria que você colocasse como o Lora se colocava perante isso. Porque, além do programa, Trotsky e o Lênin faziam muita política. Como o Lora se comportava sobre fazer política?

Erson:

Permita-me uma observação sobre a sua pergunta. A tática é parte do programa. Na pergunta, você separou a tática do programa, portanto, da estratégia. É o que o centrismo faz. Os centristas acreditam que existe uma tática separada

do programa. Porque o programa é determinado pela estratégia da revolução proletária. O programa não é uma lista de reivindicações e formulações conjunturais. Não são determinadas tarefas conjunturais, que a linha política tem de dar conta, guiada pelos fundamentos programáticos. O programa é uma exposição das leis históricas e das forças sociais e da mecânica das classes, que vão levar à revolução proletária. Então, o programa expressa a teoria da revolução proletária. As correntes centristas funcionam à margem dos fundamentos da revolução proletária. Carecem de programa. Se você analisar o programa das seções do Comitê de Enlace, verá que se baseiam na exposição do programa da revolução proletária. E isso determina a tática. Por exemplo, nós determinamos a tática nesta pandemia.

Qual foi a tática do POR nessa pandemia? Lutar contra a passividade e a colaboração de classes das burocracias, o POR ficou sozinho. Tem alguma corrente que ficou com o POR nessa questão? Tardamente, ouvimos o eco de uma ou outra voz nesse sentido. Mesmo assim, não expressavam a tática revolucionária de organização do proletariado, sob as duras condições da Pandemia. Agora, estão começando a ir às ruas, mas já estão apresentando o caminho das eleições e da candidatura de Lula. Então veja, aí está claramente a tática como parte do programa.

Outro exemplo, as correntes falam “Fora Bolsonaro”, não falam? “Fora Bolsonaro”. Essa é uma bandeira vinculada à estratégia. Obrigatoriamente, é preciso dizer que governo esperam colocar no lugar de Bolsonaro. Não falam. O POR fala, Bolsonaro vai cair pela ação da classe operária, e nós lutamos pela estratégia do governo operário e camponês. Se um partido se propõe a derrubar um governo burguês, tem de ter a estratégia. A tática vai ser a organização das greves, dos movimentos, das ocupações, dos bloqueios. Mas não ocorre que a bandeira de “Fora Bolsonaro” tem como pressuposto o impeachment. Por isso é que, sob a bandeira de “Fora Bolsonaro”, estão o PT, MRT, PSOL, PCB, PCdoB, e outras correntes, que não se guiam pela estratégia revolucionária do proletariado. Assim, a construção do partido exige concepção e método, que são definidos pelo programa.

Guilherme:

Só uma correção, para ser justo com o debate. Eu não faço mais parte do MRT, mas, pelo que entendo, o MRT não defende o impeachment.

Erson:

Eu não falei que o MRT defende o impeachment, falei que defende o “Fora Bolsonaro”. E que o “Fora Bolsonaro” tem como conteúdo o impeachment. Correto? Foi isso que afirmei. Por isso, a bandeira do POR não é “Fora Bolsonaro”, é “Abai-

Escute o Massas, podcast do Partido Operário Revolucionário

ACESSE O NOSSO CANAL:

anchor.fm/por-massas

(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO**

xo o governo Bolsonaro”, que evidentemente se diferencia da consigna “Fora Bolsonaro”. Bom, o PSTU fala “Fora Bolsonaro e Mourão”, mas assinou o documento com as centrais, pelo impeachment. Não fez a mesma coisa PCO? Então, veja, o MRT defende o “Fora Bolsonaro” e “Constituinte”. Conheço a sua política. Agora, o MRT acredita em uma constituinte democrática e soberana, para responder à queda de Bolsonaro. Sob que governo e forças políticas, será convocada a Constituinte? Há aqui uma incógnita. É uma abstração total. Então, a minha crítica vai em outro sentido, não estou juntando tendências sob um mesmo bloco, confundindo-as. Uma das propriedades do método marxista é o de diferenciar, para compreender as semelhanças.

O PSTU defende o “Fora Bolsonaro e Mourão”, em uma tentativa de se diferenciar, e assinou o documento do impeachment. Mesmo assim, não confundimos o PSTU com o PT, que é um partido reformista petrificado. Uma corrente pequeno-burguesa centrista, que, portanto, se reivindica do trotskismo, se bate em meio a contradições, que para o reformismo não existem, uma vez que está completamente integrado ao capitalismo. Embora estejam sob a mesma estratégia no momento, diante do governo Bolsonaro, guardam diferenças consideráveis entre si. Eles podem se diferenciar na tática. Há que compreender que tática e a estratégia são partes do programa. Qual é a essência da tática do marxismo? É a que responde ao método da ação direta. Essa tática subordina outras formas, como, por exemplo, a da luta parlamentar, luta eleitoral, estando todas subordinadas à ação direta. E isso consta no programa.

Procurei fazer uma observação à sua pergunta. Não é verdade que o POR não tem uma tática. Outra lenda é de que é sectário. Não é isso? Nós somos acusados, por exemplo, de sermos negacionistas. É ridículo, não é? Não faz o menor sentido ser acusado de negacionista pelo jornal do Coggiola, pelo Boletim Classista. Isso porque nós dizíamos e dizemos que a classe operária não pode abrir mão de suas necessidades e de suas defesas, em função de qualquer outra política. A política do isolamento social é ditada pela burguesia, não é ditada pela classe operária. Então, há muita confusão nesse terreno, para se fazerem certas críticas improcedentes ao POR da Bolívia e, em extensão, ao POR do Brasil.

Guilherme:

Então vamos prosseguir em nossa conversa. Eu queria que você colocasse, agora, que legado Lora deixou no combate ao estalinismo. E qual a importância de se retomar esse combate hoje, para poder defender o legado do marxismo.

Erson:

Verifica-se que, na Bolívia, as teses do trotskismo liquidaram o estalinismo. O Partido Comunista da Bolívia, que derivou do velho e reacionário Partido de Esquerda Revolucionário (PIR), fundado em 1940, é um partido praticamente irrelevante na política da classe operária e na política nacional. O POR, com sua luta, com suas explicações, com suas fundamentações marxista-leninista-trotskistas, possibilitou que a classe operária fizesse a experiência, definitiva, com o Partido Comunista da Bolívia, e concomitantemente com o nacionalismo burguês. O nacionalismo burguês e o estalinismo, na América Latina,

estão ligados pela tese de que é possível reformar o capitalismo, que é possível uma revolução democrática, que leve à independência nacional, à libertação dos camponeses, etc. Essa tese equivocada, completamente antimarxista, do estalinismo, foi derrotada na prática, na Bolívia. O que exigiu derrotar as posições programáticas do estalinismo. Então, esse é um legado importante, do ponto de vista prático e teórico, na luta do trotskismo na Bolívia contra o estalinismo.

O segundo ponto importante é que o POR, ao desenvolver as suas formulações do internacionalismo, ao se colocar no quadro da IV Internacional, aproveitou e potencializou as formulações de Trotsky contra a burocratização do Estado soviético e a destruição do partido bolchevique. Os escritos de Lora sobre o internacionalismo, e sobre como reconstruir a IV Internacional, se assentam na tese de que o estalinismo, historicamente, foi sendo liquidado pelas próprias contradições do capitalismo, e que o grande problema é que o trotskismo não conseguiu se transformar em partidos vinculados à classe operária, penetrados na classe operária em vários países. Isso é fundamental para erguer uma Internacional. Você imaginar que vai ter uma Internacional desvinculada da classe operária, formada por partidos que têm a pequena burguesia como sua base social, partidos que têm penetração em estudantes e setores da classe média, mas que não têm penetração na classe operária, não passa de palavreado. Veja que a história da I Internacional, II Internacional e III Internacional foi todo um percurso de criação de partidos marxistas vinculados à classe operária. A própria traição da socialdemocracia alemã só foi possível porque ela estava assentada na classe operária. A socialdemocracia alemã estava profundamente enraizada na classe operária, por isso pôde trair. Se ela não tivesse a direção da classe operária, não tinha como trair. Liquidou a II internacional, estando penetrada na classe operária. Isso é o revisionismo, revisionismo do marxismo. Os partidos superestruturais, mais ligados à pequena burguesia, e sem um programa claramente definido, não têm como impulsionar a reconstrução da IV Internacional, que é o fator definitivo do acerto de contas com o estalinismo.

Guilherme:

Erson, você falou que o estalinismo, hoje, está morto.

Erson:

Historicamente.

Guilherme:

Historicamente está morto, mas o que eu percebo, hoje, é que alguns setores, principalmente da juventude, começam a simpatizar com as ideias do estalinismo, começam a ver o estalinismo como quem prendia e mandava fuzilar setores da direita. Assim, será mesmo que o estalinismo está morto? Você vê uma possibilidade de o estalinismo ressurgir, principalmente aqui no Brasil, ou não?

Erson:

Explico-me, para que não haja confusão. Historicamente, está morto. Foi comprovado que é uma corrente contrarrevolucionária, inserida no próprio Estado operário, que é o que Trotsky qualificou de Termidor, uma reação restauracionista

no interior do Estado soviético. Essa função do estalinismo, como corrente que abriu caminho para a restauração capitalista, liquidou-o como corrente ideológica e programática, que se mascarou de marxismo-leninismo. A tese do “socialismo em um só país”, que pressupunha a possibilidade de construir o socialismo em um só país, historicamente, está liquidada. Já foi demonstrada essa impossibilidade. Já havia sido demonstrada teoricamente por Marx, pelo internacionalismo proletário, já havia sido demonstrada por Lênin. Mas, o que se realizou na prática, com o estalinismo na ex-União Soviética, foi que a tese do socialismo nacional não tinha vigência, e que levaria à restauração. Trotsky travou o combate ao estalinismo, não só no terreno teórico-programático, mas também no prático. Eis por que a IV Internacional continua vigente como programa. Trata-se de reconstruí-la. Se avançamos nesse objetivo, a reestruturação do estalinismo não terá fôlego. Nesse sentido, está historicamente esgotado.

Não há a possibilidade de uma corrente estalinista ser vigorosa com a tese do “socialismo em um só país”, com a tese da colaboração de classes, etc. Um segundo ponto importante foi a experiência na América Latina, no Chile. A aliança que o Partido Comunista fez com o Partido Socialista, em torno ao chamado “governo popular”, realizou a tese sobre a possibilidade de um governo colaboração de classe realizar tarefas democráticas em um país atrasado. A política de colaboração de classe, no Chile, foi responsável por bloquear a chegada do proletariado ao poder. Essa foi a experiência concreta da tática da frente popular, que subordina a classe operária e suas organizações a um governo de aliança com setores da burguesia. O governo de “Unidade Popular” expôs o caráter nefasto da política de conciliação de classes do estalinismo. Parte das correntes que vêm do tronco estalinista, como o PCB, procura ocultar o seu estalinismo. Temos no Brasil uma corrente que procura reviver a figura de Stalin, que é a “Nova Democracia”. É uma variante do estalinismo-maoísmo, que sonha com a revolução democrática. O próprio PCB diz que fez uma mudança, uma revisão, mas é claro que não foi ao fundo das raízes do estalinismo, que é uma corrente nacional, o estalinismo é uma corrente nacional, não internacionalista. Nesse sentido, o estalinismo, historicamente, está esgotado. Agora, isso significa que possa arrebanhar? Significa que não vai ganhar certos setores, em determinada circunstância? Não significa. Politicamente, pode ter alguns êxitos, nesse sentido, mas serão êxitos fugazes, momentâneos. E esses êxitos ocorrem, porque o centrismo, que se confunde com o trotskismo, facilita a ofensiva do estalinismo. Por exemplo, na Bolívia, não tem como o estalinismo se levantar. Nesse país, está historicamente, politicamente e organizativamente desmoralizado. Porque na Bolívia tem o POR implantado. Se levantarmos um POR poderoso no Brasil, está acabado o estalinismo. A desintegração da IV Internacional foi extremamente indulgente com o estalinismo, favoreceu sua luta contra o internacionalismo proletário. Tem de ter uma explicação assim, caso contrário, se tomam os fenômenos pela aparência. É certo que o PCB se reestruturou e aproveita os espaços deixados pelo centrismo para atrair um contingente de jovens, que, via de regra, segue o preconceito histórico montado pelo estalinismo ao marxismo-leninismo-trotskismo. Mas não tem futuro.

Guilherme:

Erson, para finalizar o nosso papo, eu queria perguntar sobre independência de classe. Hoje, no Brasil, acho que é importante a gente fazer essa discussão em torno de questões concretas. No Brasil, se discute muito uma possível eleição de Lula. E se discute muito uma possível saída por cima, da burguesia, da classe dominante, em relação ao governo Bolsonaro. Qual a importância, dada essa circunstância, de resgatarmos essa independência de classe, que foi algo que o próprio Trotsky defendeu?

“(...) a independência de classe também se perde, se o partido perde as raízes de classe proletárias. Se o partido não consegue avançar na revolução, seja por que motivo for, a classe operária acaba seguindo esse ou aquele partido da burguesia, em determinadas circunstâncias. A independência de classe depende exatamente do partido-programa. Em outras palavras, depende do desenvolvimento da estratégia da revolução proletária e da política concreta, que é determinada pela estratégia. A estratégia determina a linha política, que corresponde a determinada situação.”

Erson:

Eu não falaria em “resgatar” a independência de classe, porque no Brasil a classe operária nunca teve independência. A independência se conquista por meio do partido revolucionário. Se não tem o partido como dirigente, o proletariado por si só, apenas com seu instinto de revolta, não encontra os meios ideológicos, políticos, programáticos e organizativos para se emancipar da dominação burguesa. Insisti na questão do programa. Quando se fala da independência de classe, se tem de recorrer ao programa. Você se referiu nos termos repetitivos “programa, programa, programa...”. Essa sua observação “programa, programa...” demonstra uma incompreensão. Não percebe a importância desse “programa, programa, programa...”. Porque essa é a questão central. Nós não temos um partido provado programaticamente no seio do proletariado. Não é só o programa. É o programa encarnado por uma fração avançada da classe operária. Baseado nessa constatação, afirmo que a classe operária no Brasil nunca teve independência. Passou pela prova do anarquismo, do Partido Comunista, do PTB nacionalista, dos foquistas na década de 1970, dos estilhaçamentos partidários, e ainda passa pela prova do PT. Então, você vê que o proletariado no Brasil nunca alcançou de fato a independência de classe, do ponto de vista do seu programa. Na Bolívia, ocorreu o contrário, os mineiros avançaram na sua independência de classe com as Teses de Pulacayo, com a construção do POR. Veja que a independência de classe também se perde, se o partido perde as raízes de classe proletárias. Se o partido não consegue avançar na revolução, seja por que motivo for, a classe operária acaba seguindo esse ou aquele partido da burguesia, em determinadas circunstâncias. A independência de classe depende exatamente do partido-programa. Em

outras palavras, depende do desenvolvimento da estratégia da revolução proletária e da política concreta, que é determinada pela estratégia. A estratégia determina a linha política, que corresponde a determinada situação.

Acabei de explicar a bandeira do “Fora Bolsonaro”, que é a relação entre a tática e a estratégia, mostrando exatamente que as correntes que não têm o programa se vinculam à estratégia do “Fora Bolsonaro”, sem dizer que governo vai substituí-lo. Que governo eles querem? Tirar Bolsonaro por que caminho? Nada disso é explicado. Por quê? Porque não têm programa, e se movem conforme a conjuntura, portanto, não se guiam pela estratégia, e sua política acaba sendo arrastada por detrás das divisões da burguesia e da pequena burguesia. A bandeira de “Fora Bolsonaro” está vinculada à bandeira do impeachment, é inevitável que tenha esse vínculo. As eleições, o caminho que está sendo aplainado agora, vêm em função de uma série de traições que a burocracia sindical realizou nesse último período. Veja, a traição ao fechamento da Ford e o fechamento da LG, a traição aos operários, quando, em março de 2020, suspenderam o Dia Nacional de Luta, para se alinharem em torno ao chamado isolamento social. Veja, a greve geral contra a reforma trabalhista de Temer, foi jogada fora. Não teve continuidade. Então, há uma série de traições. Agora, que o governo Bolsonaro está afundando em crise, os reformistas têm de achar uma solução burguesa para Bolsonaro. E a solução não vai ser uma solução proletária, revolucionária, mas burguesa. Todos estão se movimentando em função das eleições. E o centrismo vai atrás. Como ala esquerda desse movimento. O POR está dizendo não! Não se trata de canalizar o movimento que, agora, está surgindo agora para as disputas interburguesas. Qual é o caminho? Organizar a luta pelos empregos, salários, direitos, porque esse é o caminho para pôr em pé a classe operária, que está sendo golpeada pela crise da Pandemia e pela crise econômica. Essas necessidades básicas servirão de alavanca para o movimento. É assim que o POR está vendo. Por isso, nós rechaçamos esse curso do legalismo e do eleitoralismo, que está sendo montado para evitar um levante dos operários e dos trabalhadores. Essa é a visão do POR. Aí está a luta pela independência de classe.

Guilherme:

Erson, meu amigo, estamos aqui chegando ao final de mais uma entrevista no Mesa de Debates. Quero agradecer mais uma vez por ter aceitado o convite. Foi uma discussão importante, como eu falei aqui outras vezes, apesar de algumas divergências, para o canal, vocês trazem bastante contribuição, assim como outros setores também trazem. Através das contribuições, a gente vai discutindo e chegando a uma síntese, que seja como um programa, uma estratégia revolucionária dos trabalhadores. Então, quero agradecer mais uma vez por ter aceitado o convite para essa discussão do Trotsky e das vertentes trotskistas, e passo para as considerações finais.

Erson:

Guilherme, quero deixar registrada a bandeira “Vida eterna ao camarada Lora”, que dedicou sua vida integralmente, deixando de lado qualquer interesse mesquinho da vida. Lora dedicou inteiramente suas energias e capacidade à classe operária. Sua obra é extraordinária. É monumental a obra do trotskismo na América Latina. Não existe nenhum escritor, nenhuma direção de partido que tenha levantado um pilar tão elevado da teoria marxista e em defesa dos fundamentos da IV Internacional. Nós, inclusive, estamos estudando as origens do marxismo na América Latina, e estamos constatando, passo a passo, como o POR na Bolívia vai ser esse semeeiro do marxismo na América Latina. O que se tinha de marxismo se confundia com estalinismo e mesmo com nacionalismo. O estalinismo controlou boa parte da história do século XX, a partir de 1923, pelo

“Lora dedicou inteiramente suas energias e capacidade à classe operária. Sua obra é extraordinária. É monumental a obra do trotskismo na América Latina. Não existe nenhum escritor, nenhuma direção de partido que tenha levantado um pilar tão elevado da teoria marxista e em defesa dos fundamentos da IV Internacional. Nós, inclusive, estamos estudando as origens do marxismo na América Latina, e estamos constatando, passo a passo, como o POR na Bolívia vai ser esse semeeiro do marxismo na América Latina.”

menos, dominou no campo das ideias. Essas ideias afundaram. Em seu lugar e contra elas, ergueu-se um pilar do marxismo-leninismo-trotskismo, na Bolívia. O POR boliviano, sob a direção de Guillermo Lora, tem essa virtude e essa contribuição. É por isso que nós gritamos “Vida eterna ao camarada Lora”, é vida eterna a sua Obra. Enquanto existir o capitalismo, a obra de Lora na América Latina vai ser um guia. Não vamos reconstruir a IV Internacional por fora desse pilar. Tenho a absoluta certeza dessa afirmação.

Obrigado, então!

R\$ 15

ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR
DO MASSAS

LANÇAMENTO LIVRO

Lições da Comuna de Paris

Este livro é parte da luta pela superação da crise de direção e recuperação do terreno perdido para a contrarrevolução. As lições das derrotas e vitórias nunca se perdem. Nossa tarefa é a de mantê-las e usá-las como arma do proletariado.

POR
Marxismo
Teoria e Programa

Nova
Coleção
Editorial



Lições da Comuna de Paris
Março / Maio de 1871